

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

MICHEL MARQUES FERREIRA

**LOGÍSTICA E PRODUÇÃO DE LEITE NO MUNICÍPIO DE
CERES-GO**

RUBIATABA - GO
2007

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

MICHEL MARQUES FERREIRA

**LOGÍSTICA E PRODUÇÃO DE LEITE NO MUNICÍPIO DE
CERES-GO**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Administração de Empresas, sob a orientação da professora. Dr^a. Fernanda R. Nascimento.

RUBIATABA – GO

2007

FOLHA DE APROVAÇÃO

MICHEL MARQUES FERREIRA

LOGÍSTICA E PRODUÇÃO DE LEITE NO MUNICÍPIO DE CERES-GO

COMISSÃO JULGADORA

MONOGRAFIA PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE GRADUADO PELA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA

Orientadora _____
Professora Dra. Fernanda R. Nascimento – Doutora em Energia na Agricultura

Examinador _____
Professor Kaled Sulaiman Khidir

Examinador _____
Professor Marcos de Moraes Sousa – Mestrando em Agronegócios pela UFG

Rubiataba, ____ de Janeiro de 2008.

RESUMO

A produção leiteira no Brasil passou por grandes transformações nas últimas décadas. A abertura de um mercado mais igualitário e competitivo permitiu uma maior abrangência das atividades para o pequeno produtor, para o comércio, para os laticínios e até mesmo para as exportações. Essas transformações mudaram o perfil do pequeno produtor, que passou a investir no seu rebanho e na sua produção. Na presente pesquisa, apresentamos como está sendo realizada essa atividade, de que forma o estado de Goiás, que hoje ocupa o segundo lugar na produção leiteira, tem mantido o patamar de igualdade, de competitividade, visto que uma grande parcela dessa produção vem de pequenos produtores. Objetiva-se, no presente trabalho, conhecer as perspectivas em relação às cooperativas, o acesso às inovações e o sistema de logística que envolve a produção, abarcando o setor leiteiro no estado, como fonte de empregos e renda de várias famílias, principalmente no município de Ceres, onde há concentração de vários produtores, responsáveis por uma quantidade significativa de leite para o mercado. A problemática que norteou a presente pesquisa é a seguinte: Até que ponto as mudanças foram concretizadas, como é a participação dos produtores nas cooperativas, os laticínios, o tipo e quantidade de gado; como são feitos os investimentos e até que ponto a produção leiteira interfere na economia da família e do município; tudo isso visando conhecer a realidade que esse produtor enfrenta no fomento e escoamento da sua atividade. Assim, buscou-se apresentar um trabalho que relate fielmente a realidade que, abordada teoricamente, possa ser comprovada aqui, mostrando as expectativas, melhoras e problemas que norteiam o sistema leiteiro no município de Ceres-GO.

Palavras-chave: produção; logística; pequeno produtor; cooperativismo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	05
2 PROBLEMÁTICA	07
3 OBJETIVOS	08
4 JUSTIFICATIVA	09
5 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	10
5.1 A Atividade Leiteira.....	10
5.2 A Competitividade Leiteira no Circuito Internacional	14
5.3 O Cooperativismo.....	16
5.4 Setor Lácteo e a Economia no Estado de Goiás	20
5.5 Logística na Produção de Leite	22
6 METODOLOGIA	26
6.1 Local de Estudo	26
6.2 Tipo de Pesquisa.....	26
6.3 Método de Pesquisa.....	26
6.4 Coleta de Dados.....	27
6.5 Análise dos Dados.....	28
7 RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
7.1 A Produção de Leite no Município de Ceres – GO	30
7.2 Os Produtores	32
7.3 Os Processos de Logística e Cooperativas do Município	38
8 CONCLUSÃO	43
9 SUGESTÕES	45
10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a cadeia produtiva do leite teve avanços significativos. O estado de Goiás passou do quarto para o segundo lugar na produção leiteira. Isso ressignificou a realidade vivida pelos nossos produtores; refletindo em mudanças do comportamento e investimentos, tanto da produção quanto na logística e venda do produto.

Nesse contexto, torna-se importante um estudo dirigido sobre essa realidade, já que uma parcela desses produtores se encaixa no perfil dos pequenos produtores e de participantes de cooperativas, que cresceram vertiginosamente nos últimos anos. Em nosso município, os produtores de leite são bem ativos, há um grande número de pequenas propriedades envolvidas nesse processo. Conhecer como os pequenos produtores reagem a essa nova realidade e se estão ou não se adequando ao mercado, bem como as perspectivas de trabalho dentro de sua propriedade, com seus investimentos, sua renda, entre outros.

É importante, ainda, saber se existe ou não um estudo sistemático com o custo total da sua logística, ou seja, da aquisição/produção/ armazenagem e distribuição dos seus produtos.

O produtor ainda se encontra à mercê de um mercado informal, que não contribui com um crescimento sustentável e satisfatório, ou está em busca de se firmar no mercado formal, participando efetivamente da concorrência?

O produto acompanhou a evolução tecnológica e científica. O mercado se expandiu, abrindo as portas para a livre concorrência. Isso facilitou e incentivou a produção leiteira no estado, levando aos municípios menores, grandes laticínios e a formação de cooperativas. No município de Ceres-GO, esse avanço alavanca um número cada vez maior de produtores envolvidos num processo de qualificação, tanto da produção quanto da logística do produto.

São esses processos que a pesquisa busca apresentar. A organização desses produtores diante das exigências do novo modelo de economia; o comportamento da produção e da logística desse produto.

Se a produção é crescente, a estruturação de cooperativas para orientar e fortalecer o mercado é imprescindível. É através delas que o produtor assimila seu produto às necessidades do mercado, permitindo resultados mais positivos. Sua formação auxilia o produtor, orienta-os na melhoria de qualidade, de preços, de produção entre outros. Além disso, facilita as negociações do produto, fortalecendo comercialmente e economicamente a

produção leiteira, dando respaldo necessário para que o produtor se adeque diante das novas políticas da produção.

Devido a grande quantidade de produtores no município, objetivamos uma pesquisa bibliográfica, buscando uma averiguação da realidade vivida pelos produtores, conhecendo as atividades desenvolvidas no estado e no município. Além disso, priorizamos também uma pesquisa de campo. Visto que, é preciso conhecer, teoricamente, todos os aspectos que envolvem a produção, a logística, bem como sua aplicabilidade e funcionalidade para os mesmos.

A pesquisa busca analisar a importância da logística e das cooperativas para os produtores de leite, bem como o funcionamento dessa nova realidade que permeia a produção leiteira em todo Brasil, objetivando o uso que os mesmos fazem dela; como esse sistema é estruturado na opinião dos produtores; que quantidade de leite se produz; quanto é a venda direta para o consumidor e quanto é repassado para as cooperativas ou diretamente para os laticínios.

Espera-se, portanto, aferir a realidade do nosso município, levantar dados que possam diagnosticar a realidade vivida pelos produtores de leite, abrindo perspectivas para melhorar tanto a produção quanto a sua abrangência no mercado.

2 PROBLEMÁTICA

Um grande número de produtores de leite do município de Ceres vende seu produto a um terceiro, que faz a venda direta para o consumidor. Essa atividade é muito diversificada nos grandes centros comerciais, visto que, grande parte do leite passa por processos químicos, são embalados e vendido desnatado, integral, *light*, etc. Processo, muitas vezes, que acontece na própria fazenda.

O que acontece nas cidades do interior? Até que ponto essa venda indireta do produtor lhe é rentável ou satisfatória? Ele repassa toda ou parte de sua produção? Do campo para a cidade há um longo trajeto, como ele é feito? Pesquisar o sistema de cooperativas existente e a logística que o pequeno produtor usa com a sua produção. Diante do produzido é possível uma logística individualizada ou é um sistema feito em conjunto? Abordar a atividade leiteira e seus significados para o produtor. Quem são, como designam suas atividades e o que usam em termos de logística e cooperativas para atender às necessidades emergentes do mercado leiteiro.

São alguns dos questionamentos que a pesquisa pretende abordar. Levantando aspectos relevantes para conhecer a logística, as cooperativas e o pequeno produtor no município de Ceres.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

- Analisar a produção leiteira no município de Ceres e o sistema cooperativo existente, bem como, os meios utilizados pelos produtores e laticínios na coleta, armazenagem e transformações do produto, como meio para conhecer e avaliar a comercialização do produto.

3.2 Objetivos Específicos

- Conhecer a realidade dos envolvidos no processo leiteiro do município de Ceres;
- Saber quem é o pequeno produtor, sua produtividade e o processo logístico que o mesmo utiliza com sua produção;
- Conhecer os sistemas de Cooperativas existentes;
- Verificar se há ou não controle de qualidade, viabilidade de negociações e os critérios estabelecidos na comercialização e armazenagem do leite;
- Identificar os problemas e os meios utilizados para solucioná-los.

4 JUSTIFICATIVA

O trabalho na logística do leite envolve muito mais critérios do que imaginamos num primeiro olhar, bem como, um enorme número de pessoas e processos de sua produção até o consumidor final.

Sabemos que a atividade agrícola passou por profundas transformações. O que era uma atividade de subsistência passou a depender do mercado, das indústrias de insumo e processamento. Precisamos saber como está o produtor em relação à aceitação destas transformações e dependências; ou se ainda reluta em adequar ao nosso mercado. Se ainda estão arraigados em uma produção arcaica, que acaba por não fornecer o resultado esperado. Sabemos que para o laticínio, apenas 13% do leite interessam; é justamente a parte composta por gordura, proteína, lactose, vitaminas e sais minerais. É a parte sólida do leite; o restante é água, para elevar os sólidos. Existem alguns critérios que podem ser usados, e os laticínios remuneram por isso.

Será que o produtor tem acesso a essas informações, ao uso correto das pastagens, da alimentação e da ordenha desse gado? Até que ponto os consumidores do seu leite (laticínios ou cooperativas) prestam esse tipo de assistência?

5 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

5.1 Atividade Leiteira

No Brasil, desde a década de 70, a produção de leite ganhou novos significados. Foi, aos poucos, assimilando novas tendências, novos estilos, tanto na produção como na comercialização. Mas, reviravoltas mesmas, só nos anos de 1990, onde, segundo Noronha (2001) a política econômica sofreu reviravoltas, fazendo aumentar o interesse pelo mercado pecuário. A liberação de preços e a livre concorrência favoreceram um aumento significativo em novos olhares para a produção leiteira. Como também incentivou os produtores a investirem nas melhorias, tanto da propriedade como do gado.

Essas mesmas mudanças alcançaram o estado de Goiás, que deu um salto significativo nesse contexto. “A dinâmica de modificação da pecuária leiteira goiana, como um todo, vem ocorrendo de forma gradual e persistente, superando dificuldades e se ajustando às exigências do mercado” (NORONHA, 2001, p. 20).

O salto significativo que ocorreu em alguns estados contribuiu para que a produção alcançasse os níveis desejados pelo mercado, podemos perceber que:

O significativo crescimento da produção de leite na região de cerrado na década de 90, especialmente em Goiás e nas regiões do Triângulo Mineiro e do Alto Paranaíba, ampliou a competição, dentro do mercado doméstico, [...] O aprofundamento dessa competição é decorrente do menor custo de produção de leite da região do cerrado, em razão do menor preço de alguns insumos importantes no processo produtivo e da prioridade dada ao pasto como alimento volumoso de rebanho durante o verão (GOMES, 2003, p. 51).

O produtor passa, então, com essas novas mudanças a ter uma visão diferenciada de seu trabalho. Sua permanência no mercado depende da sua adequação às exigências, uma vez que a própria concepção de mercado, concorrência e consumidor mudaram; exigindo, automaticamente, mudanças de produção, de logística e venda de qualquer produto.

Na produção leiteira não seria diferente. O que presenciamos, hoje, são investimentos constantes, que envolvem todos os momentos na alimentação, na ordenha, na armazenagem, transporte e venda desses produtos. Investimentos que garantem a permanência desses produtores no mercado.

Há que se considerar os tipos de produtores que o mercado disponibiliza; quem é, e como estão inseridos nesse processo diante da realidade que hoje permeia a produção leiteira.

Os maiores produtores estão respondendo por parcelas cada vez maiores da produção nacional e os menores, por parcelas cada vez menores. Já não se pode dizer que a produção de leite seja uma atividade típica do pequeno produtor, como há tempos (GOMES, 2002, p. 53).

Então, podemos deduzir que temos dois tipos de produtores: a) os especializados: grandes produtores, com grandes investimentos, conhecimentos adequados, acompanhamento sistemático do plantel, qualidade e estabilidade na produção; b) E os produtores não especializados: que muitas vezes chamamos de tiradores de leite. Esses, muitas vezes, não dão importância à sua atividade, ou, ainda, não se atentaram para a atividade que desenvolvem.

No primeiro caso, dos grandes produtores, a produção leiteira se desenvolveu no sentido de maior “integração às exigências da modernização, trabalhando com animais de grande qualidade no rebanho, além de um aumento de mais de 37% no número de propriedades especializadas e automatizadas na produção de leite” (NORONHA, 2001, p. 20).

Os pequenos produtores representam um extrato muito pequeno na média de produção. A exigência do mercado qualitativo e tecnológico, muitas vezes, exclui esse produtor, que não disponibiliza de meios suficientes para abarcar a introdução desses na propriedade, que também pode não ter estruturas para suportar a implementação desses recursos.

A redução do número de produtores se aprofundou a partir de 1998, em razão da coleta de leite a granel e do resfriamento do leite na fazenda. Os investimentos necessários para esta operação inviabilizaram a permanência de muitos pequenos produtores no mercado formal ou inspecionado (GOMES, 2002, p. 54).

Por isso mesmo, sua produção pode não alcançar os níveis desejados. Entendemos, de acordo com Gomes (2002), que a falta de oportunidades, de recursos e da orientação correta exclui dessa relação o pequeno produtor, que necessita priorizar outras necessidades. Uma parcela desses abandona a atividade, ficando com uma produção mínima, mais para atender suas necessidades; outros que constituem uma entrega conjunta para os laticínios, o que significa que, na contagem, apenas um produtor aparece e outros ainda, que passam a vender direta ou indiretamente no chamado mercado informal.

Além disso, a atividade leiteira requer planejamento sistemático. Os pequenos e médios produtores, que não dispõem de ração balanceada, tecnologia na ordenha, precisa mais ainda desse planejamento, já que o volume da produção, como se sabe, sofre alterações no decorrer do ano.

Independente da quantidade produzida, o produtor que não investe corretamente na produção de insumos sofre uma grande queda na sua produção, conseqüentemente, no seu lucro. “O comportamento sazonal da relação preço do leite por preço de concentrado (rações), deriva também do comportamento sazonal do preço do leite, que é menor nas águas e maior na seca” (GOMES, 2002, p. 52).

A produção na época da estiagem cai bastante, só aumentando novamente no período chuvoso. Os produtores, já acostumados com a situação, convivem com as dificuldades da entressafra naturalmente, reduzindo o número de volume entregue às cooperativas ou a venda direta.

Zilbersztajn (2000) diz das dificuldades de alguns produtores se tornarem profissionais especializados, capazes de usarem novas tecnologias para alavancar a produção, investindo em recursos eficazes e capazes de contribuir significativamente para o aumento da produção. E, são essas dificuldades, que fazem com que esses produtores acabem por permanecer numa linha estável de produção. O lucro e as possibilidades não são favoráveis nem possibilitam grandes investimentos na atividade.

Acreditamos que nem sempre o pequeno produtor tem essas tecnologias a seu o alcance. Ou ainda não voltaram seus propósitos para seu uso. Seja no aspecto financeiro ou de oportunidades. A cultura ainda é de um trabalho centrado no consumidor final, nas vendas diretas. Ele próprio cuida da ordenha, do transporte e da venda.

Pelo que se percebe, isso é realidade em vários municípios goianos.

Os produtores contam com apoio de centros de pesquisa e desenvolvimento, órgãos estaduais e federais (Embrapa, Senai, Núcleo de Pesquisa da UFG), que lhes oferecem todo apoio necessário, tornando a produção efetiva o ano todo (NORONHA, 2000, p. 16).

Esses investimentos contribuem para o aumento da produção, conseqüentemente, para a criação de cooperativas e de laticínios que favorecem todos os colaboradores. O próprio município ganha: em geração de empregos, de encargos e investimentos. O retorno ao

produtor é contínuo; a produção permanece estável o ano todo, reafirmando a estabilidade produtiva e comercial.

Essa visão de cooperativismo ascendeu juntamente com a necessidade de se firmar a produção/logística/venda do produto. O produtor percebeu que as exigências do mercado só poderiam ser atingidas em conjunto, visto que, o volume produzido, a venda de porta em porta, não significava ganhos suficiente. Além disso, o excedente não tinha um fim específico. Normalmente serviam para a produção caseira de queijos, manteiga ou outros.

As informações disponíveis, hoje, a produção crescente, muda essa visão. Percebemos que nos municípios menores, gradualmente, ela vem acontecendo; justamente com a criação de pequenas cooperativas, que cuidam, principalmente, da logística desse produto.

Aqui, vale ressaltar a importância do gerenciamento da logística, que, em verdade, “é o gerenciamento do fluxo de informações, o mecanismo pelo qual os fluxos de materiais, peças, subconjuntos e produtos podem ser coordenados para obtenção de custos baixos” (CHRISTOPHER, 1997, p. 178).

O produtor deve procurar meios que, além de agilizar a produção, sejam eficientes na obtenção de uma maior rentabilidade. A busca por informações acerca de suas atividades deve ser constante, mesmo que seja na troca de experiências que deram certo, sem comprovação científica.

“Estamos presenciando o surgimento de sistemas de logísticas integrados, que fazem a ligação entre as operações (trabalho), a produção e a distribuição, com as operações dos fornecedores de um lado e do cliente do outro” (CHRISTOPHER, 1997, p. 178).

Mesmo sem tantos recursos tecnológicos, os municípios do norte do estado estão se adaptando a essa nova realidade. As mudanças nos comportamentos são visíveis. O produtor se preocupa em ordenhar o gado, o transporte e a venda estão garantidos mesmo nos tempos em que escoar a produção é praticamente impossível.

Uma boa notícia para os produtores é que o mercado de leite está aquecido. Um estudo realizado pela Fundação Getúlio Vargas (2007) apresenta dados satisfatórios no crescimento da atividade leiteira:

Nos últimos vinte e cinco anos cresceu 135%, passando de 11,1 bilhões de litros em 1981 para 26,1 bilhões de litros em 2007, elevando o consumo per capita para 140 litros/ano. O mesmo aconteceu em relação ao preço. Há três anos, o produtor recebia pelo litro cerca de R\$ 0,12. Em agosto deste ano, o preço chegou a R\$ 0,80 (LOPES, 2007, p. 01).

Essa alta pode estar relacionada com a elevação do leite em pó no mercado internacional, que é um dos principais reguladores do segmento. Podemos tomar como exemplo, a tonelada do produto, que “em 2000, era comercializada por U\$ 2 mil. Este ano já chegou U\$ 5.300. A balança comercial também voltou a ser favorável, com exportações de U\$ 22,9 milhões, contra uma importação de U\$ 11 milhões” (LOPES, 2007, p. 1).

Em uma retrospectiva de tempos passados, já se conseguiu muito. Mas, há muito que se conquistar, principalmente no que diz respeito à equidade nos incentivos e apoio à atividade leiteira. Outro fator importante é o controle de qualidade, uma padronização, tanto na produção quanto na distribuição e venda do produto. O mercado cresce dia-a-dia, o consumidor está atento e o produtor que não se atentar para essas especificações poderá acabar fora do mercado.

5.2 A Competitividade Leiteira no Circuito Internacional

Existe uma condição histórica que traduz o problema da competitividade, o fato do Brasil figurar como um dos grandes importadores de derivados lácteos. Apesar de a oferta doméstica ter crescido, o fato é que o leite importado entra no mercado interno a preços altamente competitivos. Isso decorre, segundo Jank (2007) por um lado, da comprovada eficiência dos nossos parceiros do Mercosul no mercado agora integrado; e por outro, da existência de condições vantajosas - em termos de preços, prazos, financiamentos, câmbio valorizado, subsídios praticados na origem (além de desvios de conduta como subfaturamentos, fraudes e triangulações de produtos via Mercosul) - que têm sido oferecidas aos importadores por terceiros países, com destaque para os da União Européia e Oceania.

Tudo isso não quer dizer que o leite brasileiro não seja genericamente competitivo. A produção primária de leite no Brasil é amplamente dominada por produtores pouco ou nada especializados, com interesses divididos entre a venda sazonal de pequenos volumes de leite de baixo custo e qualidade e a venda de animais mestiços e de corte. Esse número é bem significativo, quando percebemos a grande quantidade, principalmente nas cidades do interior de produtores que praticam a venda sazonal, seja para os clientes que compram uma quantidade mínima e diária, seja para os que pegam grandes quantidades em dias alternados.

A concorrência entre as empresas é, certamente, muito benéfica aos consumidores, induzindo a redução de preços e aumento da qualidade dos produtos. Para os

produtores, entretanto, é mais interessante a realização de acordo entre rivais, o que também permite a redução dos custos. (ZILBERSZTAJN, 2000, p. 63).

Na verdade, a existência de uma legislação completamente ultrapassada em relação a normas e padrões de qualidade – aliada a um sistema pouco eficiente de inspeção sanitária do produto – favoreceram o desenvolvimento de uma pecuária absolutamente *sui-generis* no país, que não encontra paralelo em nenhum país competitivo em lácteos do mundo atual. A corrente competitiva dominante no leite brasileiro pode assim ser descrita:

Consumidor médio bastante exigente em preços baixos e praticamente incapaz de diferenciar a qualidade do produto final. Dele deriva uma forte heterogeneidade entre as indústrias de laticínios, que se aproveitam da inexistência de normas rígidas (caso das empresas do mercado formal, sejam elas multinacionais, empresas nacionais ou cooperativas) e da inoperância da fiscalização (caso das pequenas empresas do mercado informal) para adquirir matéria-prima barata e de baixa qualidade. Da mesma forma, na produção primária prevalece também uma forte heterogeneidade de situações, indo desde o produtor especializado [...] até o produtor de gado de corte, para o qual o leite é um subproduto do bezerro capaz de gerar uma pequena renda mensal (JANK, 2007, p. 2).

Ainda de acordo com Jank (2007), outro problema que a atividade leiteira encontra é uma legislação sanitária desatualizada e a ineficácia dos sistemas de fiscalização, que geram a perpetuação de índices medíocres de produtividade e qualidade da matéria-prima leite, dificultando os investimentos em sistemas especializados de produção.

Esta realidade começa a mudar. O setor privado tomou a iniciativa de ampliar o sistema de coleta do produto refrigerado, coletando-o a granel. O que reduz custos de transporte e resfriamento e de ganhos imediatos na qualidade da matéria-prima. Ainda podemos considerar, segundo o Sebrae (2007), é que o poder público apresenta um esboço de um Programa Nacional de Melhoria da Qualidade do Leite, que pretende apresentar mudanças na legislação e no aparato oficial de inspeção.

Esperamos, com esse estudo, apontar algumas conseqüências para as próximas décadas. Entre elas vale destacar que, em curto prazo, o número de pequenos e médios produtores deverá reduzir, principalmente, aqueles que se utiliza de mão-de-obra assalariada, que operam com custos mais elevados, que possuem menos subsídios no trabalho. Outro aspecto é a falta de normas e padrões, que faz com que continue existindo a oferta de leite de baixo custo e qualidade, vindos de produtores que operam gado mestiço, e que é dirigido ao mercado informal.

No setor formal da indústria, a “expectativa é o aprofundamento do processo de aquisições e alianças estratégicas dos grandes laticínios, em função de ganhos de escala e da ampliação do *marketing* estratégico e operacional” (JANK, 2007, p. 4). Isso torna o setor formal mais eficiente e bem estruturado no mercado. Possuem estruturas bem definidas, campanhas que envolvem desde a produção até o consumidor final. É o mercado da globalização. Nele, só permanecem os que oferecem agilidade, qualidade e preço competitivo, capaz de ganhar não só o mercado interno, mas também as exportações.

Na verdade, podemos constatar que, no Brasil, temos um pequeno número de produtores com uma alta quantidade de litros diários, e temos inúmeros pequenos produtores com pouca quantidade. Apesar de estarem em maior número, a produção não alcança as margens do produtor que dispõe de tecnologias, gado de qualidade, investimentos frequentes, mão-de-obra especializada, tanques de resfriamento ou embalagem na própria fazenda.

O pequeno produtor não dispõe de meios para competir. Segundo Gomes (1999-2002), a tendência do mercado é suprimir esse pequeno produtor. O mercado está abrindo espaço para a agilidade, a qualidade, exigindo um leite que está sob rígido controle de ração, de ordenha, logística, transporte entre outros. O que não se encontra nas pequenas propriedades.

Há anos, o número de pequenos produtores vem caindo. “Os maiores produtores estão respondendo por parcelas cada vez maiores da produção nacional e os menores, por parcelas cada vez menores” (GOMES, 2002, p. 53).

A competitividade acirrada que existe no mercado pode vir a diminuir ainda mais o número dos pequenos produtores existente, apesar de muitos ainda persistirem, mesmo de forma mais acanhada. Sendo responsáveis pela posição que o Estado de Goiás ocupa no ranking nacional.

5.3 O Cooperativismo

Em 21 de dezembro de 1844, no bairro de Rochdale, em Manchester (Inglaterra), 27 tecelões e uma tecelã fundaram a "Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale", tendo como finalidade o homem, e não o lucro. A busca era por uma alternativa mais econômica, mais viável. Que desse melhores condições para a produção. Buscavam sobreviver no mercado capitalista ganancioso, que os submetiam a preços abusivos, exploração da jornada

de trabalho de mulheres e crianças (que trabalhavam até 16h) e do desemprego crescente advindo da revolução industrial.

Tal iniciativa foi motivo de deboche por parte dos comerciantes. Mas, no primeiro ano de funcionamento, o capital da sociedade que era de uma libra, aumentou para 180 libras e cerca de dez anos mais tarde já contava com 1.400 cooperadores. O sucesso dessa iniciativa passou a ser um exemplo para outros grupos. E, mais tarde, para o mundo todo.

O cooperativismo evoluiu e conquistou um espaço próprio, definido por uma nova forma de pensar o homem, o trabalho e o desenvolvimento social. Por sua forma igualitária e social o cooperativismo é aceito por todos os governos e reconhecido como fórmula democrática para a solução de problemas sócio-econômicos.

No Brasil, vamos encontrar em 1610, com a fundação das primeiras reduções jesuíticas no Brasil, o início da construção de um estado cooperativo em bases integrais. Por mais de 150 anos, esse modelo deu exemplo de sociedade solidária, fundamentada no trabalho coletivo, onde o bem-estar do indivíduo e da família se sobrepunha ao interesse econômico da produção.

A ação dos padres jesuítas se baseou na persuasão, movida pelo amor cristão e no princípio do auxílio mútuo (mutirão), prática encontrada entre os indígenas brasileiros e em quase todos os povos primitivos, desde os primeiros tempos da humanidade.

Porém, é em 1847 que situamos o início do movimento cooperativista no Brasil. Foi quando o médico francês Jean Maurice Faivre, adepto das idéias reformadoras de Charles Fourier, fundou, com um grupo de europeus, nos sertões do Paraná, a colônia Tereza Cristina, organizada em bases cooperativas. Essa organização, apesar de sua breve existência, contribuiu na memória coletiva como elemento formador do florescente cooperativismo brasileiro.

No entanto, as cooperativas, “não podem ser confundidas com sindicatos, associações, consórcios, que tem finalidades diferentes e não podem conceitualmente serem comparados com cooperativas” (NASCIMENTO, 2000, p. 10).

Podem sim, serem consideradas como regime econômico que ajudem os indivíduos contra as dificuldades encontradas individualmente. No sistema de cooperativas encontram meios para corrigir as disfunções do sistema econômico, ajudando os a conseguirem seus objetivos trabalhando em conjunto.

Existe uma grande disfunção no atual complexo agro industrial, que resulta numa inadequada remuneração dos agentes produtivos, principalmente os agrícolas, inibindo o processo de desenvolvimento [...] a escolha de cooperativas tem sido

tradicionalmente utilizada. [...] se não é possível dissociar desenvolvimento de agricultura forte, não é possível pensar em agricultura auto sustentada sem cooperativas (NASCIMENTO, 2000, p. 18).

Inúmeros problemas fazem com que os pequenos produtores viabilizem as parcerias, seja em cooperativas, seja no caminho informal.

Podemos definir que a Cooperativa é uma associação autônoma de pessoas que se unem, voluntariamente, para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de propriedade coletiva e democraticamente gerida. “As cooperativas baseiam-se em valores de ajuda mútua e responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade” (GERANEGOCIO, 2000, p.01). Na tradição dos seus fundadores, os membros das cooperativas acreditam nos valores éticos da honestidade, transparência, responsabilidade social e preocupação pelo seu semelhante.

As cooperativas abrangem as necessidades primárias de seus associados, fornecem subsídios para que o trabalho flua de forma satisfatória para todos. O importante é o acolhimento das necessidades, da produção e a igualdade. Normalmente, feita entre pessoas que buscam formas de melhorar, tanto a produção quanto os lucros. Esse último, ficando em segundo plano. Diante das dificuldades, para o associado, o importante é juntar forças para conseguir uma fatia do mercado.

Não existem regras específicas para se tornar um associado. É necessário apenas que o produto seja comum a todos e que se respeitem às normas ou seu estatuto. O associado tem direito a um voto, independente do número de quotas que tenha.

No sistema de cooperativas, todas as ações são tomadas mediante o consentimento de todos os associados. As decisões vêm de encontro com a vontade da maioria.

A democracia também impede qualquer espécie de preconceito ou de desrespeito aos associados. Mas estabelece a ajuda mútua a outras cooperativas.

Uma vez que as cooperativas não visam o lucro, e, sim, o benefício do cooperado, como organização, possui uma sede, receitas e despesas. Assim, pode também ter perdas e sobras. Se acontecerem perdas, há um rateio e todos os cooperados ajudam a cobrir. Se a cooperativa lucra, esse poderá ser também distribuído aos associados.

O sistema de cooperativas garante maior estabilidade aos produtores. Fornece sustentação para que sua produção alcance o mercado de forma igualitária. Por isso, a força que as cooperativas representam no mercado, seja quais forem os seus produtos.

As cooperativas de leite em virtude das grandes transformações que sofreu o setor, têm responsabilidade muito grande na modernização do pequeno produtor.

Deve assumir uma postura típica de uma agroindústria moderna que facilite a aquisição de insumos e de serviços, e dite o ritmo da modernização com benefícios para ambos. Com adaptações necessárias à atividade leiteira, a cooperativa deve seguir a lógica, a demanda e exigências do mercado (GOMES, 1995, p. 02).

No Brasil, existem regiões que esses procedimentos já vêm sendo adotados; ao facilitar o trabalho do produtor, fornecendo refrigeradores de leite, fórmulas para rações concentradas e balanceadas, aumentam a produção, viabilizam o transporte a granel, o aumento de escala de comercialização e a redução do custo do transporte.

Há também que se considerar a produção em quantidade. O pequeno produtor, sozinho, com uma produção pequena, não consegue resultados mais rentáveis. Se o volume é maior, possivelmente o lucro será maior e mais justo. Enfim, são vários os elementos que podem favorecer a produção do pequeno produtor.

A liberação do preço do leite deixou muitas cooperativas em situação delicada, seus dirigentes ainda não se atentaram para as necessidades vigentes do mercado globalizado. Querem continuar com procedimentos arcaicos, que não são pertinentes nem eficazes diante da competitividade que hoje vigora. O mundo mudou e a indústria particular sabe. Por isso, ocupa espaço cada vez maior na comercialização do leite e derivados. Para muitos produtores, especialmente para os pequenos, a saída é a adesão às cooperativas. Foi através deste sistema que puderam continuar com sua produção, com o escoamento e uma venda justa no mercado. Seja para os laticínios, seja para o consumidor direto.

Entretanto, a continuidade do cooperativismo na comercialização do leite depende muito da ampliação do conceito do que é bom para o pequeno produtor, e, da aceitação desses de que, o sistema de cooperativas lhe garante maior estabilidade, bem como a solidez na entre safra.

O que se percebe, hoje, é que as cooperativas não se preocupam apenas com a comercialização do leite. Compete a ela, agora, garantir bons ganhos ao produtor. Com certeza, o que ele mais deseja é a maximização de seu lucro. Ela tem papel importante no desenvolvimento tecnológico de seus cooperados, especialmente do pequeno produtor que, sozinho, não tem como romper a barreira do tradicionalismo, garantindo igualdade e participação de todos no mercado.

Pelo que podemos analisar, o pequeno produtor está mais consciente da importância de junção das forças.

A inviabilidade é que são poucos os municípios onde há um sistema de cooperativas formalizado, voltado para agregar valores na produção. Onde há cooperativas, pouco a pouco vão ganhando afiliados. O estímulo vem das melhorias que se percebe em toda infra-estrutura que cerca as atividades voltadas para o segmento.

5.4 O Setor Lácteo e a Economia do Estado de Goiás

Segundo o IBGE, a produção de leite no Estado de Goiás teve aumentos significativos nos últimos anos. Tal aumento vem dos investimentos que o setor passou a ter, dos insumos, da logística e da venda do produto.

Nos últimos anos, mesmo os pequenos produtores, mudaram sistematicamente os meios de produção. O trabalho nas fazendas, mesmo manualmente executado, tomou as proporções que o mercado exige.

A chegada de laticínios a pequenos municípios auxiliou tanto a venda como o escoamento da produção. Junto a isso, temos a abertura de mercado, o leite longa vida, o empacotamento feito nas fazendas, as cooperativas e a exportação. Agregando valores mesmo para os que produzem menos de 500 litros/dia.

Temos dados (ver tabela na página 22) que comprovam o crescimento que o setor teve nos últimos anos; oscilando sua posição no *ranking* nacional. Ultimamente, ocupamos o segundo lugar. Com crescimento diário e perspectivas de investimentos corretos, apoio governamental, subsídios que apoiem constantemente o produtor, o estado tende a se manter entre os primeiros do país.

Esses valores agregados ajudam aquele pequeno produtor. O do interior do país, que produz pouco, mas o suficiente para ajudar o mercado a se manter. Toda a infra-estrutura que chega aos grandes centros ou aos grandes proprietários reflete também no pequeno produtor.

A diferença é que este, o pequeno produtor, tem que buscar meios para se manterem no mercado, meios para que, suas produções aliadas a tantos outros pequenos produtores somem o suficiente para mantê-los.

Produção Total de Leite no Estado de Goiás – 1995 a 2005.

(Mil Litros)

Ano	Produção
1995	1.450.158
1996	1.999.398
1997	1.868.976
1998	1.978.579
1999	2.006.404
2000	2.193.799
2001	2.321.740
2002	2.483.336
2003	2.523.048
2004	2.538.368
2005	2.876.479

Fonte: IBGE - Pesquisa de Pecuária Municipal

Elaboração: FAEG/GETEC

(1) O ano de 2005 se refere a estimativa da FAEG

Estima-se que, hoje, o mercado goiano conta com aproximadamente 60.000 produtores, sendo 80% de pequenos e médios. Essa atividade resulta na economia de muitas famílias; é o sustento, o trabalho de milhares de pessoas.

A atividade leiteira em Goiás movimenta a economia da maioria dos 246 municípios goianos, gerando renda e empregos para a população interiorana. Sem contar a geração de impostos, de aproximadamente R\$ 36 milhões de reais por ano somente de ICMS (NOVAES, 2000).

De acordo com Novaes (2000), isso não é regra para todas as regiões. Há uma variação de produção entre as regiões do Estado. Mas, de forma geral, são mais de 200.000 pessoas empregadas direta e indiretamente no setor, contribuindo de forma significativa na economia dos municípios. Mesmo que, entre esses números, encontremos uma boa parcela que não são funcionários devidamente registrados. São membros da família, que contribuem na realização da atividade, tendo com isso uma parte nos lucros, contribuindo para a economia do município.

No quadro a seguir (p. 23), percebemos a produção nas regiões do Estado, no período que corresponde à época de grande avanço nas atividades leiteiras; avanços que se refletiram por todo o estado. Mudando as posturas, o modo de investimentos, a logística, a venda da produção. Observamos que a diferença oscila muito de uma região para outra. São

as regiões que mais investem e que mais produzem. Ou, as que se localizam mais próximas aos grandes centros comerciais.

Produção de Leite por Mesorregião Geográfica de Goiás 1995-2004
(em mil litros)

Mesorregião	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	Part.%2004
Goiás	1.450.157	1.999.398	1.868.976	1.978.579	2.066.404	2.193.799	2.321.740	2.483.366	2.523.048	2.538.368	100,00
Noroeste Goiano - GO	105.877	149.744	154.047	161.725	166.743	184.120	193.426	224.744	234.220	238.423	9,39
Norte Goiano - GO	82.258	98.447	99.647	115.050	126.190	140.266	154.091	172.980	177.269	181.820	7,16
Centro Goiano - GO	368.025	539.248	571.828	591.344	628.663	676.078	711.459	740.474	712.061	721.345	28,42
Leste Goiano - GO	110.235	199.345	117.916	124.208	126.932	142.693	168.489	184.236	187.576	205.686	8,10
Sul Goiano - GO	783.760	1.012.611	925.536	986.251	1.017.875	1.050.642	1.094.275	1.160.933	1.211.922	1.191.094	46,92

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal

Percebemos que as áreas de maior produção estão localizadas nas regiões sul e centro goiano, com 46,92% e 28,42% da produção, respectivamente. Somente essas duas regiões são responsáveis por quase 80% da produção do leite de Goiás. (IBGE).

Apesar de nossa região não estar entre as maiores do estado em número, estamos crescendo, e contribuindo para que o Estado permaneça como o segundo maior produtor do país.

5.5 Logística na Produção de Leite

O conceito de logística existe desde a década de 40, utilizado pelas Forças Armadas americanas, que relacionava todo processo de aquisição e fornecimento de materiais durante a guerra. Mais tarde, ganhou novas proporções e assumiu funções nas empresas.

O que acontecia é que a grande maioria dispensava a matéria prima um tratamento puramente funcional. “A execução das atividades relativas à movimentação de materiais e ao fluxo de informações, do fornecedor ao consumidor final e vice-versa, sempre foi realizada de forma segmentada” (CHING, 2006, p. 15).

Com o passar dos anos, as empresas tomaram consciência da importância da logística como fator indispensável na contabilidade de receitas e despesas. Antes, muito do que produzia se perdia entre a produção e venda final.

Uma nova concepção se formou e “passou a existir a integração das diversas áreas envolvidas na produção, dimensionamento e *layout* de armazéns, alocação de produtos, depósito, transporte, distribuição, seleção de fornecedores e clientes externos” (CHING, 2006, p. 16). É o novo conceito de logística integrada, advinda da necessidade de se adequarem ao ambiente altamente competitivo, aliado ao fenômeno cada vez mais amplo da globalização de mercados.

Isso passou a exigir das empresas maior agilidade, melhor qualidade e procura constante na redução de custos. Hoje, uma grande parcela das empresas dá prioridade à logística.

Não é diferente na produção leiteira. A logística vem ampliar as possibilidades de ganho e agilidade na produção, transporte e venda do leite.

No plano operacional, as transformações tiveram como foco a qualidade da matéria-prima, materializadas na granelização da coleta e do transporte e no resfriamento do leite na propriedade.

Até a primeira metade dos anos noventa, o leite era ordenhado nas propriedades e levado diretamente até as usinas de beneficiamento em caminhões comuns, ou, em transportes comumente chamados de carroças; acondicionado em latões. A partir da segunda metade da década, foi introduzida, e rapidamente disseminada, a coleta a granel no Brasil, com transporte feito por caminhões com tanques isotérmicos.

A implantação do sistema de coleta de leite a granel, no Brasil, transcorre de forma rápida a ponto de ser considerada como uma das mais aceleradas do mundo, indo ao encontro do Programa Nacional de Qualidade do Leite (PNQL), instituído pelo Ministério da Agricultura e do Abastecimento. Essa transição ocorreu de forma mais intensa no “Estado do Rio Grande do Sul, que atualmente possui 100% do leite produzido na forma granelizada. O PNQL prevê a granelização total nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste até o ano de 2005 e, até o ano de 2011, nas regiões Norte e Nordeste” (NORONHA, 2001, p. 34).

Nos principais estados produtores, a coleta granelizada já predomina dentre os sistemas de captação utilizados. A coleta de leite a granel produz inúmeras transformações no agronegócio do leite. Esse sistema de coleta reduz os custos de captação da matéria-prima, elimina postos de resfriamento, aumenta a produtividade na fazenda e aumenta sensivelmente a qualidade do leite que chega para processamento nas indústrias.

O processo consiste na coleta do produto “*in natura*”, resfriado nas propriedades e sua transferência diretamente do resfriador para os caminhões-tanques isotérmicos, por uma mangueira flexível e bomba aspirante; possibilitando que o leite recolhido na propriedade

consERVE suas propriedades pelo resfriamento imediato, chegando até os laticínios sem grandes danos à sua qualidade.

A introdução do conceito de logística de transporte no agronegócio do leite possibilita o fechamento de postos de resfriamento, a redução de rotas de coleta e o aumento da quantidade de carga transportada por veículo, resultando significativas economias nos custos de transporte, além de altos ganhos na qualidade.

Os novos procedimentos adotados referentes às operações logísticas, contudo, deram-se, em geral, de modo empírico. Com a pressão permanente de produtos importados, quase sempre subsidiados na origem, e o distanciamento da produção em relação aos principais centros de consumo, as empresas reconhecem a dificuldade de incorporação de novas ferramentas que reduzam o custo de captação e otimizem as linhas, a frota e a localização dos postos de resfriamento (MARTINS, 2004, p. 4).

Ainda de acordo com Martins (2004), no Brasil, somente as maiores empresas do setor estão implantando processos de racionalização com uso de ferramenta específica. Pela inexistência de alternativas que considerem as características nacionais e de negócios rurais, estas empresas estão se valendo de *softwares* importados customizados desenvolvidos originalmente para outras finalidades.

Com todas essas dificuldades, torna-se, para o pequeno produtor, inviável a implantação de novas ferramentas e projetos que os ajudem a melhorar e adequar ao mercado. Primeiramente, por falta de recursos e de mão-de-obra especializada; depois, por falta de acompanhamento sistemático durante todo o ano.

O pequeno produtor, ainda hoje, está produzindo da mesma maneira que anos atrás. O que mudou foi sua concepção: passou a ter consciência acerca de sua produção, do manuseio do gado, da ração, da venda e da incorporação às cooperativas, visando melhoras, tanto na produção quanto no lucro.

Em cidades interioranas, a concepção de logística ainda é muito vaga. Primeiramente, porque o pequeno produtor ainda é aquele homem humilde, da roça. Preocupa-se muito mais com a ordenha e com o que está lhe rendendo esta produção. Em contrapartida, deixa de se atentar para o mercado.

No que se diz respeito às questões da logística, somente com a inserção de laticínios nesses municípios é que os pequenos produtores estão se interagindo com o assunto. Já se encontram, em muitas propriedades, tanques de resfriamento, que tem a produção coletada a cada dois dias. Esses tanques, em sua maioria, são fornecidos pelos laticínios.

Em outros casos, uns grupos de pequenos proprietários de terras se juntam e compram seu próprio tanque. Isso porque a produção é muito pouca, o tanque é caro e ainda há gastos com energia, isso quando no curral há energia, em muitos casos, é necessário ainda gastar para que ela chegue até lá.

Diante de todo o exposto, podemos perceber toda a reestruturação que o setor vem sofrendo ao longo dos anos. Mesmo em locais mais distantes dos centros urbanos, as atividades leiteiras vão tomando novas proporções.

Percebemos as mudanças nos conceitos dos produtores à medida que precisam optar por permanecerem no mercado. Com isso, as inovações vão chegando ao campo, nas mesmas proporções que estão nos centros urbanos.

Nas estatísticas das regiões mais distantes das grandes metrópoles, percebemos um crescimento paulatino em relação aos produtores que se encontram mais centralizado e que possuem um acesso mais fácil a investimentos e estruturas necessários. Há ainda velhos conceitos arraigados, quer por falta de estruturas financeiras, de estudos, ou de investimentos na produção. Consideramos também que entre os pequenos produtores, mesmo que a atividade leiteira seja sua principal fonte de renda, esse trabalho é executado por ele mesmo, ou, no máximo, por familiares. O que contribui para que o trabalho acabe por ser rotineiro, sem grandes inovações. Isso, claro, que com algumas exceções.

Encontramos nesse novo paradigma de produção leiteira vários produtores que, pouco a pouco, estão investindo na melhoria do gado, do trato, da logística e na arrecadação do seu produto, contribuindo para a importância da atividade leiteira na economia familiar e da sociedade.

Atualmente a atividade leiteira é sustentável quando o pequeno produtor encontra oportunidades financeiras para poder investir na aquisição de gado de qualidade, investir na produção, na logística e na distribuição correta do produto.

6 METODOLOGIA

6.1 Local de Estudo

O estudo foi realizado no município de Ceres-GO, mais especificamente na comunidade do Morro de São Pedro, na propriedade do intermediário Sr. Edson, onde se encontra o tanque de resfriamento, e Manacá, numa entrevista com o Sr. Hernani (comprador de leite da empresa).

6.2 Tipo de Pesquisa

O estudo seguiu as sugestões da pesquisa exploratória, que segundo Mattar (2005), visa prover o pesquisador de um maior conhecimento sobre o tema ou problema de pesquisa e perspectiva, sendo útil quando ainda não se tem conhecimento seguro sobre o tema em questão, proporcionado ao pesquisador um maior aprofundamento científico sobre o assunto.

Para fins de estudo, foi considerada a pesquisa qualitativa. De acordo com Triviños (1987), a pesquisa qualitativa não precisa se apoiar em informações estatísticas. Ela tem um tipo de objetividade e validade conceitual, a qual contribui para o desenvolvimento do pensamento científico. E segundo Gil (2007, p. 41), tal pesquisa “tem como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições”.

Foi utilizada também a pesquisa bibliográfica, que, segundo Gil (2002, p. 65), “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Tal pesquisa serviu para a busca de definições, entendimento sobre o assunto, seja por meio de livros técnicos como em revistas, internet, dentre outros.

6.3 Método de Pesquisa

O método de pesquisa utilizado foi o estudo de caso, que, conforme segundo Gil (2002), é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, permitindo

um conhecimento amplo e detalhado do objeto de estudo, o que, no entanto, é uma tarefa praticamente impossível mediante os outros delineamentos considerados. O estudo de caso possibilitou a confirmação dos objetivos propostos para o presente trabalho. Além disso, também utilizamos a análise documental e a observação participante, que, segundo Roesch (1999), é uma estratégia que permite obter conhecimento de primeira mão sobre a realidade social empírica. Permite ao pesquisador aproximar-se dos dados e, portanto, desenvolver os componentes analíticos, conceituais e categóricos de explicação sobre eles.

Utilizamos como instrumento de coleta de dados a entrevista semi-estruturada (vide anexo). Segundo Mattar (2005), “ela pode ser realizada por meio de formulários, que o próprio entrevistador pode preencher, de acordo com as respostas do informante” (p. 152). Destacamos que, nessa pesquisa, os sujeitos foram escolhidos aleatoriamente. O único requisito é que deviam ser produtores de leite do município. Com essa amostra, conseguimos uma visão geral das atividades desenvolvidas pelos pequenos produtores, visto que, uma grande parcela tem uma produção mais ou menos equivalente.

6.4 Coleta de Dados

Para a coleta de dados, fizemos um levantamento, “que se procede à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado, para, em seguida, mediante análise qualitativa, obterem – se as conclusões correspondentes aos dados coletados” (GIL, 2007, p. 50). Optamos por um estudo de campo, que atentasse melhor aos objetivos propostos. Mesmo utilizando o levantamento de dados, que, segundo o autor citado, nos dá um maior alcance, através do estudo de campo obtivemos um “aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população” (GIL, 2007, p. 53).

Realizamos tanto a entrevista semi-estruturada como o questionário, com a finalidade de alcançar os objetivos propostos no presente trabalho. Assim, na coleta de dados foi utilizado o questionário que, segundo Sâmara e Barros (2002), apresenta a vantagem da coleta de dados de forma mais eficaz.

A pesquisa exploratória foi realizada durante os meses de agosto e setembro de 2007, com os pequenos produtores de leite do município de Ceres, mais especificamente a comunidade do Morro do São Pedro; com os produtores que passa sua produção ou parte dela para o intermediário.

Definimos, então, como interlocutores os pequenos produtores de leite que entregavam seu produto ao mesmo intermediário. De 15 (quinze) produtores, do Morro do São Pedro entrevistamos 06 (seis), de 05 (cinco) da comunidade do Sapé; 01 (um), proprietário que tem sua produção recolhida pelo intermediário; 02 (dois) produtores que eles próprios levam sua produção para seus fregueses e o restante ao intermediário; e mais 01 (um), que podemos chamá-lo também de intermediário que compra o leite do produtor e vende nas suas freguesias (de porta em porta). O restante repassa para o intermediário, no caso Sr. Edson, e, ainda, o responsável pela compra do leite no laticínio para o qual o referido intermediário entrega o produto.

As primeiras entrevistas foram feitas com os responsáveis pela compra e coleta de leite do laticínio, envolvendo questões como: quantidade comprada, preço, logística aplicada, preço e avanços para o produtor, entre outras (vide anexo). Buscando uma visão específica das atividades desenvolvidas nos laticínios com relação aos pequenos produtores.

Após as entrevistas com o responsável pelas compras no laticínio, aplicamos o questionário aos pequenos produtores, contendo perguntas sobre produção, insumos, vantagens e desvantagens da atividade, lucros, avanços obtidos, investimentos e logística. Enfim, o que suprisse a necessidade para se confrontar com os objetivos estipulados. Após responderem ao questionário, ainda conversávamos muito sobre a atividade, a ração, a ordenha e os problemas diários por eles enfrentados. Bem como, o quanto se ajudam mutuamente. Tudo isso para me inteirar e familiarizar da atividade e coletar mais informações de temas que não estavam contempladas no questionário.

Em seguida, pesquisamos sobre sistema de logística no município de Ceres. A pesquisa foi realizada informalmente com o intermediário, na Associação Comercial de Ceres, com os próprios produtores e nos laticínios.

Após a realização das entrevistas, constatamos que o intermediário, nosso interlocutor, é maior no segmento do município de Ceres-GO.

6.5 Análise dos Dados

Os dados foram analisados cruzando-se e comparando todas as informações obtidas através de todos os instrumentos utilizados ao longo do trabalho.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A LOGÍSTICA E A PRODUÇÃO DE LEITE NO MUNICÍPIO DE CERES-GO

7.1 A Produção de Leite no Município de Ceres

Localizada no Vale do São Patrício, a 172 km da capital, mais ao norte do estado, o município de Ceres tem uma população de aproximadamente 20 mil habitantes. Tem como principal economia: o comércio e as atividades agropecuárias. É também considerada a cidade-pólo na região. Com um grande número de hospitais, bancos e escolas, o município é bem centralizado, bem estruturado politicamente, economicamente e socialmente.

Na zona rural, encontramos uma grande parcela dos habitantes. O acesso é fácil e as estradas são boas, com exceções no período chuvoso. Os meios de transportes estão entre as carroças e os utilitários, que são usados para transporte pessoal ou escoamento da produção.

O município conta com aproximadamente 900 famílias (IBGE, 2005) que trabalham na produção leiteira, cuja renda, vem praticamente dessa atividade. São herdeiros de uma atividade que vem sendo praticada ao longo dos anos, passando de geração em geração, entre pais, filhos e netos.

Dessas propriedades, 80% lidam somente com o gado leiteiro, o restante tem gado de corte.

Em todo o Estado de Goiás, segundo Noronha (2001), a pecuária leiteira é composta por mais de 90% de pequenos produtores, definidos aqui, como aqueles que produzem menos de 500 litros de leite/dia.

O modelo de produção de leite atual não é competitivo, com tendências de exclusão da grande maioria desses produtores, em decorrência de um novo ambiente competitivo que se formou a partir das grandes mudanças ocorridas na cadeia de lácteos brasileira, na década de 90 (GOMES, 2001).

Entendemos, pela afirmação do autor, que ainda falta muitos investimentos para o pequeno produtor. O que não se sabe, é se há falta investimentos próprios ou uma educação

voltada para a sua produção. Talvez, se tivessem órgãos específicos no município para melhor orientá-los, deixariam um pouco do conhecimento empírico e partiriam para os avanços científicos e tecnológicos disponíveis no mercado.

A atividade leiteira, para 60% das famílias, é a principal fonte de renda, vivem, por vezes, somente da venda do leite. O outro percentual considera a atividade somente como complemento; por isso mesmo não investem tanto na aquisição do gado leiteiro; vendem os bezerros machos e, às vezes, as fêmeas. Não há interesse em aumentar significativamente a produção.

Em 70% das propriedades visitadas, os filhos moram na cidade, quem continua na lida com o gado ainda é o pai; que acha que já não tem necessidade de investir tanto.

Os dados que se seguem, foram coletados na Manacá¹, pela pessoa do Senhor Hernani, gerente responsável pelas negociações de compra de quase toda a produção do município de Ceres. Destacamos que praticamente 90% do que é produzido é coletado por caminhões refrigerados da firma. “Fazemos a coleta direto na fazenda, ou no que pode ser denominados centros de coleta: pessoas que compram o leite dos pequenos produtores, fazendo a coleta diária e repassam para os laticínios”.

Ainda, pelas estatísticas da Manacá, a quantidade que o município produz pode chegar a quase 60 mil litros/dia. Isso claro, na safra. Reduzindo, por vezes, para a empresa, quase 50% no período seco. Essa variação vem da instabilidade na queda de cada produtor. Aquele que investe na ração, na silagem balanceada, não tem uma redução tão drástica na sua produção; os que dependem unicamente da produção de leite, esses, trabalham para que a produção não caia tanto.

No município de Ceres tem apenas um laticínio: o Matinal. Ele não consegue abarcar toda a produção. E, por ser um laticínio pequeno, a compra de leite é muito inferior à quantidade produzida no município, por isso, a entrevista à Manacá, que é a principal compradora do produto. E, em quantidade menor, encontramos a Leite Bom e a Italac.

Houve mudanças significativas também quanto ao controle de qualidade. Tendo em vistas as exigências do controle sanitário e do próprio consumidor. Os laticínios fazem um controle diário do leite coletado: teor de gordura, de água, de sujeira que possa conter o leite.

O município de Rianópolis está a poucos quilômetros de Ceres, o que não impede a coleta diária em algumas propriedades e, principalmente, nos centros coletores. Esse trabalho também pode variar de acordo com o período. O que nos leva a perceber que as

¹ Laticínio localizado no município de Rianópolis.

atividades que envolvem o sistema leiteiro varia muito em consonância com o período em que se encontra. São mais intensas e quantitativas no período chuvoso e mais amenas na seca.

Pela quantidade de pessoas que trabalham na produção de leite, optamos por uma amostragem, entrevistando somente um pequeno número de produtores. Fazendo um levantamento de todos os aspectos que norteiam suas atividades.

É importante ressaltar que, mesmo entrevistando uma quantidade muito pequena – diante da quantidade existente –, a pesquisa não ficará falha, uma vez que pelo tamanho do município, das propriedades rurais e da quantidade de laticínios, vale dizer que, usando uma expressão popular, “todo mundo conhece todo mundo”. Ou seja, todos acabam por fazer negócios uns com os outros. Conhecem o gado, a produção, enfim, todos negociam juntos. Isso facilitou o processo de coleta de dados.

7.2 Os Produtores

Mesmo com as grandes inovações na atividade leiteira, a modernização e a ordenha mecânica, o trabalho dos pequenos produtores ainda é feito de forma bem tradicional. Em nenhuma das propriedades visitadas existe a ordenha mecânica. Na grande maioria, encontramos o proprietário no manuseio com o gado.

Os entrevistados, em sua maioria, moram nas propriedades rurais. Poucos mantêm peões ou caseiros (como são denominados no interior) na fazenda. As propriedades são pequenas; as moradia simples. O acesso é rápido e as estradas estão boas, com exceção daquelas que vão da estrada principal até as fazendas. Dependem de ajuda da prefeitura para emprestar as máquinas. O que não é fácil de conseguir.

As fazendas, pela extensão das terras, ficam bem perto uma das outras. Há uma colaboração muito grande entre os produtores; dão carona; levam as crianças para a escola; trazem mantimentos da cidade; até mesmo, caso haja alguma emergência, fazem o escoamento da produção do vizinho. Isso, segundo a maioria, facilita o trabalho e auxilia nos momentos de dificuldade.

Todos foram bem prestativos, ajudaram com satisfação, explanando muito além do esperado. Contaram histórias, lembraram dos tempos mais fáceis, de acordo com o perfil de cada um, com o trabalho de ontem em relação ao de hoje. Alguns trechos transcritos obedecem rigorosamente a fala do produtor.

Nesse contexto, encontramos o Senhor Antônio², dono de uma pequena propriedade a 3 km da cidade, que se encaixa no perfil do pequeno produtor. Quando questionado sobre a produção leiteira, ele nos disse que a tarefa antigamente era mais árdua, mais de certa forma, o lucro parecia ser maior. “Não havia essa história de leite longa vida, nós vendia tudo que tirava das vacas na ‘rua’ (cidade), e as coisas eram melhores, mesmo que a gente fizesse de forma mais antiga, como meu pai ensinou”.

Ainda de acordo com o Senhor Antônio, hoje, com a ajuda do filho, eles tiveram que mudar até a ração do gado na seca, o que antigamente não era necessário, o pasto não ficava longos períodos tão seco. “Quando era na época da estiagem, dava para o gado comer no pasto, a gente só completava com sal, hoje, o tempo sem chuva é muito longo, logo o pasto está muito seco, então é preciso fazer ração”. Usam a cana e o silo. Não fizeram nenhum curso ou obtiveram ajuda especializada. É um conhecimento adquirido no trabalho diário, na dica de algum vizinho.

Conseguiram mudar as rações na época da seca; o meio de transporte é mais rápido e as estradas melhores, condições que ele não usufruía há alguns anos.

Ao invés da tradicional carroça, ele tem seu leite vendido e coletado diariamente por um intermediário³. Isso garante mais agilidade e facilidades no seu trabalho. Agora, ele se preocupa apenas em manter a produção. Sem contar, que a despesa com uma pessoa de confiança para transportar e vender acabou. Ou mesmo os problemas com os clientes, que algumas vezes, atrasavam no pagamento, causando problemas nos lucros. Considerando ainda, que o contato era diário, havia uma relação pessoal com esse cliente, e mesmo sem o pagamento, feito mensalmente, não podiam suspender o fornecimento.

A produção, no período da safra, excedia. A solução era a produção de queijos que serviam para o consumo próprio ou para alguns clientes, que encomendavam antecipadamente, em último caso, servia de ração para os animais. Sem contar que, em época muito quente do ano, o serviço de entrega, que era de porta em porta, tinha que ser rápido, caso contrário, o leite poderia coalhar.

Mesmo assim, permaneceu um tempo muito grande nesse segmento de atividade. Só depois que o filho começou a ajudar é que a produção tomou outros rumos, até mesmo pelas exigências do mercado. Fazem um controle maior da produção, com a higiene, nas rações, que são balanceadas para favorecer a qualidade do leite e garantir uma produção maior. A queda, na entressafra, se o produtor não se preocupar com o trato, pode chegar a

² Produtor leiteiro há 36 anos.

³ Pessoa que compra o leite de vários produtores e revende.

60% (Fonte-Manacá, 2007). Se a renda da família advier unicamente da produção, os prejuízos podem trazer muitos transtornos.

Praticamente, na mesma situação, encontra-se o senhor Abraão (há 40 anos mexe com ordenha). Tem uma produção diária de aproximadamente 280 litros/dia, sua propriedade se localiza a 4,5 km da cidade.

Todo o sustento da família vem da atividade leiteira. Sua produção também é coletada pelo intermediário. “Era muito difícil levar, todo dia, o leite pra cidade; ainda tinha que andar a cidade inteira para fazer a entrega, tomava a manhã inteira. A gente madrugava mesmo para tirar o leite”.

Como antes a entrega era individual, havia a possibilidade de constatar qual o leite não estava bom. Com a venda para o intermediário, o Senhor Abraão não soube explicar como é feito o controle, uma vez que, apesar da coleta ser individual, quando vai para o tanque de resfriamento, as produções são misturadas.

Já o Senhor José, tem no leite, o complemento da renda familiar. Vende sua produção de porta em porta e o que sobra, repassa para o intermediário, às vezes, para os leiteiros (vendedor de porta em porta) que compram leite em propriedades rurais para revender. “Na época de chuva, todo mundo tem leite; então entrego tudo para o Senhor Edson⁴; na seca, falta leite pra todo mundo, então vendo para outros. Não é muita coisa, tem dia que é 20 litros, outros 10, varia de acordo também com o que sobra”.

A ordenha é feita por ele mesmo e um ajudante, que só vem na manhã, ajuda na ordenha e no trato com os animais. Tira leite somente uma vez, mesmo já tendo sido orientado a fazê-lo também à tarde. Segundo ele, para realizar duas ordenhas no dia, seu gado tinha que ter uma ração muito bem balanceada, o que não ocorre. Também não quer aumentar os gastos com um ajudante o dia todo.

Na propriedade do Senhor Pereira, encontramos um tanque para resfriar o leite. Mas a produção também é coletada pelo intermediário. Apesar de pequena a produção, ele faz a ordenha duas vezes. Conta com um caseiro para ajudá-lo e seu leite é coletado de duas a três vezes na semana.

“Preferi vender o leite para o intermediário, porque ele busca; eu não preciso levar o leite na rua, e também negociar; faz o pagamento todo aqui na roça”. Sua produção, nas duas ordenhas, pode chegar a 450 litros nas águas e 300 litros na seca. “O gado come ração especial nesse período, por isso ainda consigo um bom número”. Dentre os entrevistados, é

⁴ Um dos principais compradores do município. É um intermediário.

um dos poucos que buscou ajuda para preparar as rações do gado, que utiliza principalmente no período da entressafra.

Na sua propriedade, mora o filho, que sempre o auxiliou no trabalho. Os netos vão para a escola na parte da manhã e, à tarde, ajudam a apartar o gado e na ordenha, que é feita por volta das 15 horas.

O leite vai para o tanque, nas duas ordenhas, até a vinda do carro que faz a coleta. Sua produção é coletada em tambores plásticos de 50 litros, de onde vai para um tanque maior de resfriamento de propriedade do intermediário. Ali são armazenados até a vinda do caminhão do laticínio.

A vida ficou mais fácil. “Não tenho preocupação de ir atrás de fregueses, de receber, nem perco mais tanto”. Apesar de serem unânimes ao afirmar que o lucro caiu com as modernizações do leite, todos também concordam que ficou mais fácil, não há prejuízos, o dinheiro chega no dia certo. E não há despesas com o transporte. Esse é, sem dúvida, a principal vantagem que constataram.

No lado norte da cidade, encontramos um grupo de fazendeiros que se juntaram e adquiriram um tanque de resfriamento. Formaram uma espécie de cooperativa. O tanque fica na propriedade mais centralizada, a quase 6 quilômetros da cidade. Seu proprietário, Senhor Jeremias, conta que nas águas, onde a produção é farta, ficava muito difícil escoar toda produção. “Sem contar que as estradas eram muito ruim; o prefeito só ajudava se a gente pagasse; então o sofrimento era grande” Sobrava muito leite, tinham que repassar para as sorveterias, para os leiteiros com um preço irrisório. “Naquele tempo chovia mais, tinha dia de ir para a rua só no meio da manhã”.

Como, às vezes, a produção excedia o consumo, o desperdício era muito grande. O senhor Jeremias ainda afirma que “uma das melhores coisas pra nós foi a chegada dos laticínios no município. Paramos de perder leite; tudo o que sobra, a gente entrega para eles”.

Hoje, alguns, vendem uma parte da sua produção para os leiteiros; que vendem de porta em porta. Outros preferem que toda a produção vá para os laticínios. Isso garante mais agilidade. O tanque, que é usado por todos, tem a capacidade para receber até 2000 litros/dia. O que acontece somente na época da safra. A coleta é feita pelo caminhão da Manacá, compradora da produção do grupo. Os valores recebidos variam de acordo com a produção individual. Cada um recebe pelo que produz.

“É uma cooperativa somente pelo fato de que facilitamos nosso trabalho, sem contar que estamos sempre juntos, ajudando um ao outro, mas o lucro, esse é individual. Ajudamos somente com a energia consumida” (Pedro – produtor-sócio no tanque).

O Senhor Pedro também acredita que é uma forma de ajudar os que produzem menos de 200 litros/dia. “As despesas de quem produz pouco são altas se comparadas com o preço que recebemos por litro”.

Outro produtor que vende diretamente para o consumidor é o Senhor Mário, que produz em média 200 litros/dia. “Vendo em torno de 100 a 120 litros/dia de porta em porta”. O que sobra, eu levo para a Matinal ⁵.

O trabalho é feito por ele e um sobrinho. Mas a venda na cidade é ele quem faz. Ele nos conta que, com o leite de saquinhos e Longa Vida, ele perdeu muitos clientes. Acredita que a sorte é ter clientes como panificadoras e sorveterias, que compram grande volume. “O preço para mim vender é mais alto. Se passo para outros venderem, ganho menos”. “Estamos no mercado há vários anos”; ele diz estar acostumado com o trabalho, e ainda escoar sua produção de carroça.

Na entressafra prefere manter os clientes menores, com quem tem compromisso diário. Fornece menos para os que compram grandes quantidades. Segundo ele, “tenho clientes que vendi para seus filhos, agora vendo para os netos”.

Mesmo considerando cansativo, não abre mão. Habitou-se à rotina. Mesmo quando o sobrinho insiste para que adquira outro meio de transportar o leite, ele se mantém irredutível.

Diferentemente do grupo, é o Senhor Manoel. Ele mesmo foi até o Laticínio, conseguiu um tanque de resfriamento. Sua produção é feita juntamente com o filho, que é vizinho na fazenda localizada a quase 5 quilômetros da cidade. “Eu e meu filho tiramos o leite, alimentamos o gado, preparamos ração na seca e cuidamos da terra para plantar silo”.

Em suas contas, 30% do leite, o filho vende diretamente para o consumidor, em uma motocicleta, preparado especialmente para o transporte dos galões de leite. “É rápido, menos cansativo, e até mesmo mais econômico, pois a gente usa a moto para outras coisas também” (Célio, filho e sócio).

A produção de cada um, contada separadamente, gira em torno de 300 litros/dia na época da safra. Na estiagem cai quase pela metade.

Mesmo assim, não há investimentos sistematizados a respeito do manuseio da terra, das rações, como nos foi confirmado. O cuidado é com as vacinas que previnem doenças, a aftosa, entre outros.

⁵ Laticínio do município de Ceres.

Outro fator que prejudica a produção é o fato de cruzarem gado de leite com gado de corte, o que diminui consideravelmente a quantidade de leite que o gado produz.

Na propriedade do Senhor Vicente, produtor de leite há quase quarenta anos, encontramos somente gado leiteiro. Quando percebeu que o mercado estava se expandindo, resolveu investir, mesmo em pouca quantidade, em gado leiteiro. Hoje, possui pouco, mas com qualidade. Produz em média 360 litros/dia. “Aprendi a fazer ração com tudo que as vaca precisa para produzir mais”.

Os filhos ajudam em tudo na pequena propriedade, que fica 6 quilômetros da cidade. Uma parcela da produção, ele vende para leiteiros, cerca de 30%, o restante levam até os laticínios.

Ele diz: “O que falta mesmo é investimentos, mas os lucros são poucos e os gastos são muitos, por isso a gente toca devagar”. Mesmo assim, concorda que a situação do produtor de leite melhorou os meios de comercialização; não há excedente e o produtor pode negociar diretamente sua produção.

Outra vantagem é que o município é formado, em sua maioria, por pequenos produtores, isso iguala a competitividade. Não há perdas por concorrência desleal, o preço da compra e da venda gira na média praticada por todo o mercado. De certa forma, os investimentos também não variam. Há uma consonância quando analisadas as mudanças que foram implantadas nas propriedades.

Não constam também nos planos desses pequenos produtores, investimentos no sentido de aumentarem a produção. Os investimentos na compra de gado ocorrem quando existe a venda. É como uma substituição, um pelo outro.

Nenhum dos entrevistados tem acompanhamento especializado no trato ou na ordenha. No máximo, aprendem uns com os outros. Uma troca de conhecimentos e experiências. Com exceção hoje, para a ajuda que recebe dos laticínios em termos da logística do produto.

Contudo, nenhum dos entrevistados vê possibilidade de findar a atividade. Seja na complementação da renda ou na própria renda.

Outro entrevistado que faz parte da “sociedade” no tanque do Senhor Jeremias, foi o Senhor José, que produz cerca em média 200 litros/dia. Mesmo com a propriedade mais afastada, ele achou mais fácil deslocar a produção até ali, do que levar até a cidade, que fica bem mais longe.

Na sua propriedade ele conta com a ajuda da esposa e de um garoto que ganha um pouco mais que meio salário para ajudá-lo na ordenha. “Eu sei que é pouco, mas o lucro

também é pouco, minha mulher também ajuda quando dá”. “Os meus filhos, tudo mora na cidade, disseram que o dinheiro de leite é muito pouco, só eu e minha véia (mulher) continua aqui”.

Aparentemente, ele se mostra satisfeito com a possibilidade de colocar a produção no tanque. “Agora só me preocupo em tirar o leite”. Disse-nos também, que agora não se preocupa mais com o “recebimento”, o dinheiro chega todo mês no dia certo.

Mesmo querendo produzir mais, disse estar muito cansado para aumentar o rebanho. E que de vez em quando, ainda vende algumas bezerras. O gado é mestiço, não é somente leiteiro.

Mesmo assim, acredita que hoje as coisas estão mais difíceis. O lucro parece ser menor. Antes, com o que sobrava dava para aumentar o rebanho, hoje já não é possível; ainda mais que no período da seca a produção cai bastante. A alimentação do gado é feita na base da cana. Compra pouca ração e não investe na plantação de silos para completar a ração do gado na estiagem.

7.3 Os Processos de Logística e de Cooperativas do Município

Já sabemos o quanto a produção leiteira tem evoluído nos últimos anos. Isso inclui inovações tecnológicas, mão-de-obra especializada, insumos e políticas públicas voltadas para o setor.

O setor de logística e cooperativa no setor agroindustrial tem acompanhado o mercado, mesmo que, nos pequenos municípios, isso ainda não chega a ter grandes proporções.

“A agricultura moderna, diferentemente quando se encontrava sob a influência da esfera da circulação em geral, transforma-se em um negócio industrial agrário, generalizado nacionalmente, porém com diferentes graus de adoção técnico-científico” (CARMO, 1996, p. 83).

E ainda acrescenta:

As produtividades brasileiras aumentaram em função das inovações técnicas introduzidas [...] os limites técnicos da produção agropecuária no país, como um todo, ainda estão longe de serem atingidos, restando espaços razoavelmente grandes para a oferta em geral crescer dentro do atual paradigma de produção (CARMO, 1996, p. 157).

Tem se com isso, a confirmação de que o mercado está mudando, mas que ainda falta muitos investimentos de que, com políticas sistemáticas que produzam qualidade e eficiência. Essa realidade pode chegar a patamares desejáveis, compatíveis com o produzido, quer no estado, quer no país.

Podemos perceber que isso se reflete no município de Ceres. A percepção que se tem de logística não condiz com as atividades realizadas. Ainda é precário o escoamento da produção.

O sistema de logística encontrado no município advém praticamente dos laticínios. Esses fazem um trabalho seletivo, exige condições mínimas de higiene, de teor de gordura, de água e sujeira do leite coletado.

De acordo com o Senhor Hernani (gerente responsável pelas compras na Manacá), “o resfriamento imediato do leite evita danos e perdas da produção”. Infelizmente, não são todos os produtores que podem adquirir um tanque, e a “empresa não possui meios de emprestar ou alugar um para todos; há também que se considerar que a pequena produção de alguns, tornaria o investimento totalmente inviável”.

A média de 60.000 litros/mês também não é coletada somente pela Manacá. A produção recebida pelo laticínio corresponde a uma média que varia de 60 a 70% de tudo produzido.

Mesmo com um volume considerado alto, os produtores têm uma pequena visão de produção/logística/venda do produto. Uma tríade considerada pelo Senhor Hernani fundamental para o sucesso de qualquer atividade.

A logística da maioria dos produtores pesquisados é simples e arcaica. Não há a preocupação ou condições de melhorar a produção, o armazenamento do produto e o transporte até seu ponto final.

Se pudermos considerar os tanques de resfriamento, observamos que é o de mais inovador que existe na atividade desses produtores. O armazenamento é bem mais vantajoso.

Quando o transporte era feito em galões de 50 litros, perdia - se muito com qualidade e rapidez. O leite, nem sempre mantinha padrões de qualidade e o que era vendido diretamente para o consumidor ao ser fervido, coalhava.

Para o consumidor que dependia exclusivamente desse fornecedor, era um problema. Com as mudanças no mercado no processo de industrialização, o consumidor adquiriu novos conceitos de consumo.

O consumo do leite tipo “C” ganhou o mercado e a preferência do consumidor. A validade maior, pasteurizado, e acessível a qualquer momento.

Nessa nova perspectiva, o pequeno produtor que entregava diretamente para esse consumidor teve que se aderir às exigências, entregando agora, boa parte de sua produção, para os laticínios.

Nas palavras do Senhor Hernani, percebemos a confiança em melhoras no setor. Mesmo acreditando que pouco a pouco, o mercado vai aniquilar o pequeno produtor. “As demandas que são exigidas dificultam a permanência do pequeno produtor. Os investimentos são altos, e a busca por qualidade também”.

Até mesmo a coleta, é bem mais fácil quando centralizada e em maior quantidade, a economia é maior. A prova disso é que, boa parcela dos produtores pesquisados, ainda precisa escoar sua produção. Ou, em último caso, vender para o intermediário, que se responsabiliza pela logística e pela venda.

É preciso concordar com alguns pesquisadores que nos revelam que os pequenos produtores tendem a deixar o mercado. Está muito competitivo; e, suas concepções estão além das desejadas pelo mercado.

O processo logístico é precário, mas já evoluiu muito de acordo com a fala dos produtores. A precariedade de antes deu lugar a menos trabalho, já que o intermediário coleta e vende o produto. O transporte, mesmo para aqueles que ainda o fazem, melhorou devido às estradas e à diversificação dos meios; os animais deram lugar a transporte mais ágeis e velozes. Mesmo assim, percebemos a tradição que envolve essa atividade no nosso município. Pequena produção que, na maioria das vezes, segue o mesmo ritual de anos atrás.

O município tem uma parcela muito pequena de grandes produtores de leite. O que movimenta esse setor são mesmo os pequenos produtores.

Pelo volume que produzem, acreditamos que seja pertinente ao tamanho do município. Esperamos então que a atividade desempenhada por eles atenda tanto as suas necessidades como a necessidade do município. A nível de Brasil e de Goiás, pode ser irrelevante a permanência deles no mercado. “Para o município de Ceres, é muito importante sua participação na economia” (Sr. Hernani).

Pelo que nos disse o Senhor Hernani (Manacá) o laticínio depende desses pequenos produtores, em menor número, mas que agregam muitos valores à sua produção.

Precisa sim, é da implantação de cooperativas que ajudem esses produtores. Os orientem para conseguirem investimentos viáveis, que não conseguiriam a sós. Incrementasse o processo logístico, as vendas e, conseqüentemente, o lucro. Muito embora, muitos se dizem

satisfeitos com a atividade que realizam, mesmo com as dificuldades encontradas. Dizem-se acostumados, para alguns, está mais fácil do que há alguns anos.

Quanto a cooperativas, o município não possui nenhuma, ao menos registrada formalmente. Com exceções dos grupos de produtores que se reúnem para armazenar a produção e se ajudam mutuamente. Isso, entretanto, sem despesas nem lucros.

O que encontramos em nossa pesquisa foi o intermediário. Aqui, na pessoa do Senhor Edson, que aluga uma pequena propriedade rural localizada no setor Morada Nova.

Seu tanque com capacidade para 2000 litros, e na época da safra não armazena o coletado. Nesse período, ele e alguns ajudantes fazem a coleta diária nas propriedades rurais, e ainda recebe o excedente dos que fazem a venda para os consumidores. O leite é *in natura*, o mesmo que é repassado para os laticínios, consumidores e sorveterias.

“Eu ajudo os pequenos produtores com o transporte e com a venda; compro e revendo o leite produzido” (Sr. Edson).

No mercado há muitos anos, percebeu a dificuldade do produtor em escoar a produção, em acompanhar as exigências do mercado. E, com a chegada dos laticínios, vislumbrou a possibilidade de um bom negócio. “O preço que praticamos é justo, o produtor não perde, ao contrário, tem a atividade facilitada” (Sr. Edson).

No período da seca, a produção cai bastante, mesmo assim, por coletar de vários produtores, ele ainda consegue repassar uma pequena quantidade àqueles que também compram desses produtores para vender de porta em porta.

Quanto à qualidade, diz que o controle é feito somente quando o leite chega até os laticínios. Com a coleta em diversas propriedades e sem equipamento necessário, não há como garantir a qualidade do produto. No tanque, a produção é misturada, bem como o que é entregue pelos leiteiros. Até mesmo os que ficam nos galões esperando o caminhão da coleta são misturados. “Os que chegam em pequenas quantidades, para facilitar a medida, vamos enchendo os galões, que têm quantidade certa.” Isso é comum na safra, e a coleta tem que ser diária; o que não acontece na entre safra, a coleta já é feita a cada dois dias, e a produção enche somente o tanque. “Nesse momento, preferimos atender os leiteiros, que são nossos parceiros diários na safra” Diz-nos o Senhor Edson.

Quando questionamos a respeito de se montar uma cooperativa formal, ele acredita ser inviável, uma vez que não é uma idéia aceitável para a maioria dos produtores. Não que sejam contra. É que ainda não acordaram para as vantagens de tal empreendimento. Ele mesmo não possui estruturas para adequar o sistema de trabalho de forma a se tornar uma

cooperativa. “Também não sou produtor”. “Sou alguém que compra grandes quantidades, e pago por isso”.

Ele, o Sr. Edson, acredita que ainda não se atentaram para a viabilidade e aceitação concreta de um sistema de cooperativa no município. “Para alguns produtores, a idéia é bem aceita, para outros, o receio de perdas é maior que o de lucros. Acreditam não terem produção suficiente para fazer um volume satisfatório, que compense a junção das produções”.

É interessante notar que todos concordam com a importância da atividade para o município. A relevância que existe tanto a nível de economia familiar e municipal. Apesar de terem consciência que a maioria da produção vai para outro município.

De qualquer forma, é sim, importante para a economia da cidade, do estado, essa participação. Mesmo com uma produção inferior se comparada a de outras, o nosso município contribui e muito para a manutenção do estado na posição que ocupa no ranking brasileiro.

Mesmo para aqueles que se uniram para adquirirem o tanque de resfriamento não há disposição para fundar uma cooperativa. O sistema, segundo eles, é muito dispendioso e não possui adeptos o suficiente para o negócio andar. A produção é pouca, e o interesse em investimentos não são todos que possui.

Ainda assim, há aqueles que sabem histórias de sucesso de membros de cooperativas. E acreditam que se, na cidade tivesse alguma se associariam; mesmo com uma produção considerada, de acordo com o mercado, pequena.

Mas a ajuda é mútua, mesmo sem cooperativas. O longo conhecimento que possuem uns com os outros favorece a troca de experiências de favores e de negociações.

A política pública do município talvez não dê subsídios para a implantação de cooperativas formais, que faça o setor desenvolverem de acordo com o mercado. É preciso, como sabemos, de apoio tanto dos interessados, como dos gestores da cidade.

O importante é que a atividade flua, mesmo sem cooperativas de incentivos e investimentos.

Pelo que foi pesquisado, analisado, percebemos que para o pequeno produtor, isso é irrelevante. Suas atividades, como há anos, vem sendo desenvolvida, seguindo praticamente uma mesma rotina. As mudanças foram poucas. Com exceções das que foram ofertadas pelos laticínios.

As mudanças acontecem aos poucos, quer por vontade de alguns, quer pelas imposições do mercado. De qualquer forma, o mercado continua firme, as atividades fluem normalmente, tanto na safra quanto na entre safra. Já se habituaram às mudanças na produção.

8 CONCLUSÃO

A longa evolução na cadeia produtiva de leite trouxe resultados positivos para o mercado brasileiro a níveis nacionais e estaduais. Mesmo para os pequenos municípios as mudanças são visíveis, mesmo com uma pequena produção, mas com colaboração significativa no mercado.

A subsistência de várias famílias depende dessa atividade. É como se fosse uma cultura, passada de geração a geração. Um trabalho aparentemente satisfatório, que cobre as necessidades e mantém a propriedade num mesmo patamar por vários anos.

De acordo com a nossa pesquisa bibliográfica, a realidade demonstrada é bem pertinente à que enfrentamos. Um crescimento mais vagaroso que o percebido nos municípios que ficam mais próximos dos grandes centros, ou que contam com apoio especializado e investimentos pesados do cultivo da terra, de insumos, de logística e de comercialização do produto.

O que analisamos no município de Ceres talvez seja semelhante à realidade de muitos produtores de leite no país: uma economia centrada nas mãos de poucos, que trabalha com mais quantidade e qualidade; possuem recursos, tecnologias e mercado acessível, mesmo com a alta competitividade.

Competitividade que releva a um segundo plano o pequeno produtor; que não dispõe de tecnologias nem infra-estruturas que possam incrementar a produção.

Podemos perceber que, mesmo num mercado que evoluiu muito, o pequeno produtor não perdeu seu espaço; nem o cliente tradicional, do leite *in natura*, de acordo com o analisado, só nos municípios menores isso ainda acontece. Aqui em Ceres ainda é muito comum, o que mantém, de certa forma a economia e o setor leiteiro estável. O produtor mantém sua produção e sua clientela.

As mudanças mais percebidas foram: a questão do armazenamento e transporte, que ganhou mais parceiros, os laticínios; e o transporte, que deixou de ser feitos por animais e passou para veículos automotores.

Dos vários produtores pesquisados, quase todos estão à frente de seu negócio. A concepção é que isso favorece o trabalho e não permite prejuízos. É uma economia bem familiar, mas que favorece todo o município.

Infelizmente, não contam com o sistema de cooperativas. E a logística utilizada inclui uma armazenagem simples, que utiliza só um recurso; e o transporte, que evolui de acordo com as exigências.

Não há como ignorar a quantidade de pessoas envolvidas nessa atividade, nem quantas ainda dependem dela. O número é alto, embora a produção, dentro das considerações dos especialistas esteja na média nacional.

Diante do exposto nas bibliografias e na pesquisa realizada, podemos ressaltar a importância desses produtores para o nosso município. Eles contribuem significativamente para o desenvolvimento econômico do município de Ceres.

Seu trabalho passa despercebido, mas alimentam várias famílias, inclusive as do próprio produtor. Mesmo com um sistema considerado precário, o trabalho é realizado diariamente, numa rotina aparentemente tranqüila, que só muda nos períodos que compreendem a safra e entre safra. O preço por litro também fica na média nacional. No período das águas, a relação é baixa se considerar que sobe bastante na secas. Há uma variação de R\$ 0,35 entre um período e outro.

Mesmo sem tecnologias em suas propriedades, o produtor já a sente em seu alcance; sabe que o seu produto passa por processos que controlam sua qualidade. E que, a própria produção precisa de mais cuidados, o gado precisa de ração mais concentrada, que aumente a produção; já que uma grande parcela não possui gado leiteiro, e sim, uma mistura de raças.

Os pequenos produtores, mesmo correndo o risco de saírem do mercado em determinado tempo, ainda representam uma parcela significativa do mercado leiteiro. Seja nas vendas para o intermediário, para os laticínios ou para o consumidor. Em nosso município essa realidade não é diferente: são pessoas simples, responsáveis por uma grande parcela da produção e que, aparentemente, estão satisfeitos com os avanços sentido no setor, mesmo não apresentando interesses, ou condições em participar efetivamente do processo.

Na região sudeste, em Minas Gerais, os investimentos e a infra-estrutura, se comparadas com Goiás, estão além. São inúmeras as pesquisas sobre reprodução, produção, ração e insumos em geral. Bem como a implantação de logística e vendas direcionadas.

Os pequenos produtores percebem que o mercado está ficando acirrado, e nem por isso apresentam pretensões de abarcarem o mercado com investimentos que permitam sua sobrevivência. Por enquanto, vão praticando suas atividades como há anos. Se adaptando quase que imperceptivelmente às mudanças.

9 SUGESTÕES

Com a conclusão desse trabalho, sugerimos que:

- Diante das exigências do mercado produtor de leite e das dificuldades enfrentadas, que o pequeno produtor reconheça sua importância e sua parcela de contribuição no mercado, mudando sua postura frente a elas;
- Busca de soluções concretas que permitam a permanência do pequeno produtor no mercado, diante das possibilidades de o perderem e das dificuldades encontradas para investirem, que seja criado as cooperativas;
- Criação de cooperativas que permitam ao produtor unir forças, com isso, unir trabalhos e serviços que envolveriam todos, dando mais sustentabilidade, mais agilidade, capaz de gerar mais lucros.
- Buscar soluções para melhorar o pasto, as rações utilizadas nas secas, o manuseio com o gado, a compra de gado leiteiro, capaz de aumentar a produção.
- A união em busca de recursos, tecnologias e técnicas que contribua significativamente para que o produtor consiga competir no mercado de forma igualitária e justa.

Todas essas características são percebidas nos grandes produtores e naqueles que optaram por unir forças. Isso está faltando no nosso município: cooperativas, que una esforços, produção e lucros, trazendo perspectivas de se manterem e participarem igualmente do mercado.

10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARMO, Maristela Simões. (Re) **Estruturação do Sistema Agroalimentar no Brasil**. A diversidade da demanda e a flexibilidade da oferta. São Paulo: IEA, 1996.

CHING, Hong Yuh. **Gestão de Estoques na Cadeia Logística**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

CHRISTOPHER, Martin. **Logística e Gerenciamento da Cadeia de Suprimentos**. São Paulo: Pioneira, 1997.

ESTANISLAU, Maria Letícia Libera, et al. **O Mercado de Leite**. Revista Informe Agropecuário, Belo Horizonte, V. 25, nº. 221, 42-44, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Sebastião Teixeira, et al. **O Agronegócio do Leite no Brasil**. Juiz de Fora: Embrapa, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produção Municipal de Leite 1995-2005**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

JANK, Marcos Sawaya. **Sistema Agroindustrial do Leite**. Disponível em: <http://www.fundace.org.br/leite/arquivos>. Acesso em 13/07/07.

LOPES, Wilson. Seminário de Pecuária Leiteira. **Agência Sebrae de Notícias**. Disponível em: <http://www.sebraego.com.br/seminario>. Acesso em 17/07/07.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MATTAR, João. **Metodologia Científica na Era da Informática**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

NASCIMENTO, Fernando Rios do. **Cooperativismo como Alternativa de Mudança**. Uma abordagem normativa. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

NORONHA, J.F. et al. **Análise da Rentabilidade da Atividade Leiteira em Goiás**. Goiânia: ed. UFG, 2001.

NOVAES, Edson Alves. **Setor Lácteo em Goiás**: analisando as assimetrias na cadeia produtiva nos anos 90 / Edson Alves Novaes. – Brasília, 2003.

_____. **Economia do Setor Lácteo do Estado de Goiás**. Disponível em: <http://www.seplan.go.gov.br/sepin>. Acesso em 22/09/07.

REVISTA AGROANALYSIS. FGV. **A Produção Leiteira Brasileira**. São Paulo, v.24, n. 11, novembro de 2006.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projeto de estágio e de pesquisa em administração**: Guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SAMARA, Beatriz Santos; BARROS, José Carlos de. **Pesquisa de marketing**: Conceitos e metodologia. 3. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE LATICÍNIOS DO ESTADO DE GOIÁS. **Quantidade de Produtores de leite por faixa de produção no Estado de Goiás**. 1998. Goiânia: SINDILEITE, 1998.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ZYLBERSZTAJN, Décio; NEVES, Marcos F. (Organizadores). **Economia e Gestão de Negócios Agroalimentares**. Indústria de alimentos, insumos, produção agropecuária, distribuição. São Paulo: Pioneira, 2000.

ANEXOS

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS RESPONSÁVEIS NOS LATICÍNIOS.

1. Nome _____
2. Cargo _____
3. Qual o percentual de leite o laticínio compra no município de Ceres?

4. Quais, de acordo com seu conhecimento são as vantagens para o produtor o sistema de logística que o laticínio oferece? _____
5. Para o pequeno produtor, é compensatório vender diretamente para o laticínio?

6. Como é o controle de qualidade? Nas propriedades ou aqui, no laticínio?

7. Com que frequência é feita a coleta e em que tipo de transporte?

8. Há diferença nas atividades e na produção entre o período das chuvas, quando a produção aumenta e o período da seca, quando diminui?

9. Em sua opinião, como acontece ou deveria acontecer o processo de logística para o produtor?

10. Acha que seria melhor um sistema de cooperativas? Seria mais vantajoso ou não?

11. Como considera as atividades dos produtores que conhece? São inovadoras ou ainda estão precárias? _____

MODELO DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PRODUTORES:

1. Nome _____
2. Quanto tempo atua na produção leiteira? _____
3. Quantidade produzida litros/dia _____
4. Tipo de gado e ração _____
5. Como é feito o escoamento da produção?

6. Que tipo de venda pratica, para o consumidor, intermediário ou laticínios? Qual considera mais satisfatória? Por quê?

7. É a atividade principal? Quem faz o trabalho? _____
8. Quais as principais dificuldades que encontram na atividade hoje? _____

9. Como era a atividade antigamente?

10. O que o Senhor acha que facilitou ou dificultou a atividade atualmente? _____

11. Como é logística usada com a sua produção?

12. É associado em alguma cooperativa? O que acha das cooperativas?

13. Que tipo de ração utiliza? Quantas vezes ordenham o gado?

DECLARAÇÃO

Eu, RUTH APARECIDA VIANA DA SILVA, formada em Letras pela Universidade Católica de Brasília, com diploma registrado no MEC, DECLARO para os devidos fins acadêmicos que fiz a revisão ortográfica e gramatical da monografia de MICHEL MARQUES FERREIRA, do curso de Administração da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER.

Carmo do Rio Verde, 30 de janeiro de 2008.

Ruth Aparecida Viana da Silva

DADOS PESSOAIS:

Michel Marques Ferreira.

E-mail. michelmarf@yahoo.com.br

Fone. (62) 3307-2746

Filiação: Edson Ferreira da Silva e Maria Márcia Marques Veloso.

Endereço: Avenida do Castelo Qd. 01 Lt. 12 Jd. Petrópolis

Ceres-GO

C.E.P: 76.300-000